

Por que Luiz Henrique perdeu pleito para líder

IGOR FUSER

Coordenador de Política da Sucursal de Brasília

Dois fatores explicam a surpreendente virada na disputa pela liderança do PMDB no Congresso constituinte: o descontentamento com a centralização de poderes nas mãos de Ulysses Guimarães — sentimento que se traduziu nos votos contra o candidato que ele apoiava, Luiz Henrique — e a própria incapacidade deste como articulador.

Político experiente, o senador Mário Covas explorou com habilidade esses temas no discurso que lhe garantiu a vitória no confronto com Luiz Henrique. Desde o início, deixou claro que seu verdadeiro oponente não era Luiz Henrique — cujo pálido currículo fazia dele um postulante muito aquém do exigido pelo cargo —, mas o patrocinador de sua candidatura. Com ironia, Covas abriu o discurso com uma referência à situação de Ulysses como tri-presidente do Congresso constituinte, da Câmara e do PMDB. Depois, golpeou fundo o calcanhar de Aquiles do adversário, ao reivindicar a democratização das

estruturas partidárias e condenar o ultra-centralismo daquele que, não faz muito tempo, era chamado de "o sr. diretas".

Quanto ao seu rival, algumas frases bastaram para desqualificá-lo em suas pretensões. Foi só lembrar a triste figura do partido na "batalha do regimento", as vésperas do Carnaval, em que Luiz Henrique, como líder na Câmara (e, na prática, na Constituinte), conduziu o PMDB a uma humilhante derrota frente ao PFL.

Para completar, um acontecimento da véspera se encarregou de selar a sorte do candidato da máquina partidária. Luiz Henrique, ao negociar com o PFL a composição da Mesa da Constituinte, havia aceitado que o 1º vice-presidente fosse um pefelista. A notícia provocou uma verdadeira rebelião nas hostes peemedebistas, já que, na hipótese de impedimento de Ulysses, a presidência do Congresso constituinte cairia nas mãos do PFL. O acordo, que não chegou a ser formalizado, foi imediatamente rejeitado. E Luiz Henrique recebeu, com isso, seu tiro de misericórdia.